

A ESCRITA ACADÊMICA NO AMBIENTE DIGITAL: MOVIMENTOS DE ESCRILEITURA E TECNODISCURSIVIDADE NO *CGSCHOLAR*

Everton Henrique Souza da Silva¹

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Virginia Martins Pereira²

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar como ocorre a inserção de graduandos de Letras na apreensão da escrita acadêmica/dos textos acadêmicos, em ambiente digital, através da observação de seus movimentos de escreteitura e tecnodiscursividade da/na plataforma *CGScholar*. Para tal, sob abordagem qualitativa, escolhemos produções textuais de discentes postadas no *CGScholar*, que foram analisadas por intermédio de uma interlocução teórica entre a proposta ecológica de Paveau (2013; 2021), em relação ao discurso digital, com a concepção de linguagem e gênero de Bakhtin (2016 [1952-1953]), de multiletramentos, baseada em Cazden *et al.* (2021 [1996]), e de letramentos como práticas sociais, de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) e Street (2010; 2014). Os resultados apontam que dimensões ocultas de letramentos acadêmicos foram evidenciadas nos textos nativos digitais dos graduandos, na plataforma, apesar de determinadas produções textuais demonstrarem pouca exploração das potencialidades tecnodiscursivas da plataforma digital. Entretanto, o uso de recursos linguísticos e tecnológicos em determinadas postagens nos permitiu a visualização das possibilidades apontadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que tange à formação inicial do docente crítico frente à cultura digital e aos conhecimentos possíveis por meio das novas tecnologias, o que aponta para a apropriação dos multiletramentos pelos licenciandos.

Palavras-chave: *CGScholar*; escrita acadêmica; formação inicial; multiletramentos; tecnodiscursos.

Abstract: This research aims to analyze how the integration of undergraduate students in the apprehension of academic writing/academic texts occurs in a digital environment, through the observation of their scribreading movements and techno-discursivity on the *CGScholar* platform. To do so, under a qualitative approach, we selected textual productions by students posted on *CGScholar*, which were analyzed through a theoretical interlocution between the ecological proposal of Paveau (2013; 2021) regarding digital discourse, Bakhtin's (2016 [1952-1953]) conception of language and genre, multiliteracies based on Cazden *et al.* (2021 [1996]), and literacy as social practices by Kalantzis, Cope, and Pinheiro (2020) and Street (2010; 2014). The results indicate that hidden dimensions of academic literacy were revealed in the digital native texts of the undergraduates on the platform, although such textual productions showed limited exploration of the techno-discursive potential of the digital platform in certain texts. However, the use of linguistic and technological resources in

¹ Discente do Curso de Letras-Português/Licenciatura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Trabalho desenvolvido por meio de financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2022-2023), ID: 220817946.

² Docente do Departamento de Letras da graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

specific compositions allowed us to visualize the possibilities pointed out by the National Common Curriculum Base (NCCB) regarding the initial training of critical educators in the face of digital culture and the knowledge made possible through new technologies, which points to the appropriation of multiliteracies by the undergraduates.

Keywords: CGScholar; academic writing; initial teacher education; multiliteracies; technodiscourses.

1. Introdução

As implicações das novas tecnologias, nos dias atuais, estão cada vez mais evidentes e analisadas nas pesquisas acadêmicas/científicas, e isso faz com que determinados autores apontem uma indissociabilidade entre homem e máquina atualmente (Sodré, 2009; Santaella, 2022). Sob esse ângulo, Marcuschi (2010) expunha precisamente, há mais de uma década, o quanto as práticas de linguagem na internet proporcionam variados modos de enunciação e, por conseguinte, alavancam a criação, bem como circulação, de novos gêneros. Com o intuito de embasar seu ponto de vista, apontou que “parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados” (Marcuschi, 2010, p. 16). Assim, ancorado nos estudos do texto e dos gêneros, o linguista defendeu que as interações digitais ocasionariam revisões de determinadas noções já consagradas.

Nesse sentido, nos últimos anos, notamos a emergência de uma análise de discursos voltada propriamente para as singularidades do ambiente virtual – a Análise do Discurso Digital (ADDg), representada por Paveau (2021). Conforme tal linguista, a enunciação digital é constitutivamente compósita e diferente da pré-digital, isto é, fora do ambiente virtual, o que evidencia como aspectos languageiros e não-languageiros coparticipam da produção de sentidos. Por isso, segundo a autora, pesquisas que trabalham com produções textual-discursivas da internet precisam lançar uma ótica ecológica e não-logocêntrica às características dos textos nativos digitais, divididas em seis³ por Paveau (2021): (i) composição; (ii) deslinearização; (iii) ampliação; (iv) relacionalidade; (v) investigabilidade; e (vi) imprevisibilidade. Desse modo, a proposta da linguista é a de trabalhos que reflitam sobre a atuação de aspectos languageiros e recursos técnicos na interação entre os *escreitores*, construída por intermédio das tecnodiscursividades.

³ Ao trabalhar com uma abordagem ecológica, apesar de trazer seis características dos textos nativos digitais, Paveau (2021) destaca que um mesmo tecnodiscurso pode apresentar mais de uma característica. Assim, a divisão é propriamente metodológica. Essas características, portanto, podem se mesclar nos discursos digitais.

Apesar das proposições da ADDg, notamos uma carência de estudos sobre a relação cada vez mais indissociável entre formação docente e as novas tecnologias. Nesse sentido, ao observarmos as produções textual-discursivas de graduandos dos cursos de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na plataforma *CGScholar*, duas lacunas se apresentam. A primeira diz respeito ao modo como as dimensões “escondidas” dos letramentos acadêmicos (Street, 2010) são apontadas pelos discentes. Já a segunda lacuna é notada na medida em que, por ser um compósito digital, com as singularidades explicitadas por Paveau (2021), a escrita na plataforma pede novos modos de planejamento e concretização dos textos.

Isso posto, a questão central deste estudo é como ocorre a inserção dos graduandos de Letras UFPE na apreensão da escrita acadêmica/dos textos acadêmicos e o papel do *CGScholar* nessa construção, através da observação de suas práticas tecnodiscursivas e propostas de divulgação científica por meio do compósito digital da plataforma? Na esteira dessa pergunta norteadora, esta pesquisa tem por objetivo geral analisar como ocorre a inserção dos graduandos de Letras UFPE na apreensão da escrita acadêmica/dos textos acadêmicos e o papel do *CGScholar* nessa construção, através da observação de suas práticas tecnodiscursivas e propostas de divulgação científica por meio do compósito digital da plataforma. A partir desse objetivo geral, temos como objetivos específicos: (i) descrever os modos de apropriação da escrita acadêmica pelos graduandos, através de seus textos compartilhados no compósito digital da plataforma; (ii) notar os conflitos e dimensões “escondidas” envolvidos no processo dos multiletramentos acadêmicos, a partir da percepção dos estudantes sobre os textos autorais postados para circulação no ambiente virtual; e (iii) refletir sobre como a plataforma digital *CGScholar* concede, aos licenciandos, subsídios para novos modos de divulgação científica sobre temas de línguas, literaturas e educação.

Para tal, sob abordagem qualitativa (Lessard-Hébert; Goyette; Boutin, 1990) e descritivista-interpretativista (Moita Lopes, 1994), respeitando a identidade dos(as) licenciandos(as), tiramos *prints* da plataforma estudada, das duas propostas de atividade e de três postagens (dois relatos e uma divulgação científica, a qual também contou com *prints* das artes no *Canva*) realizadas pelos estudantes entre o período de junho de 2023 e agosto de 2023. Para a preservação da identidade dos discentes, empregamos, nesta pesquisa, as siglas L1, L2 e L3, sendo “L” a referência ao status de licenciando e “1”, “2” ou “3” ao momento em que a produção textual do sujeito é analisada neste estudo. Assim, o relato I se refere ao L1, relato II diz respeito ao L2 e a divulgação científica é de L3. Todos os textos analisados foram de graduandos do curso de Licenciatura em Letras-Português.

Na tentativa de uma melhor organização, dividimos o artigo do seguinte modo: primeiramente, temos a fundamentação teórica, intitulada “Do offline ao online: as práticas de letramento advindas da digitalidade”. Essa seção reflete sobre como é possível e enriquecedor realizarmos interlocuções teóricas da proposta ecológica de Paveau (2013; 2021) com a concepção de linguagem e gênero de Bakhtin (2016 [1952-1953]), de multiletramentos, baseada em Cazden *et al.* (2021 [1996]), e de letramentos como práticas sociais, de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) e Street (2010; 2014). Em seguida, buscando detalharmos os movimentos realizados neste trabalho, trouxemos, no “Trajeto metodológico”, a abordagem, as ações aplicadas neste artigo e os critérios de seleção dos dados. Já na seção da análise de dados e discussão, partimos efetivamente para a apresentação e debate sobre a comunidade estudada, dialogando, sempre que necessário, com a referida fundamentação teórica. Terminamos o artigo com as considerações finais, momento em que retomamos os principais resultados da pesquisa e vislumbramos desdobramentos deste estudo em trabalhos futuros.

2. Do offline ao online: as novas práticas de letramento advindas da digitalidade

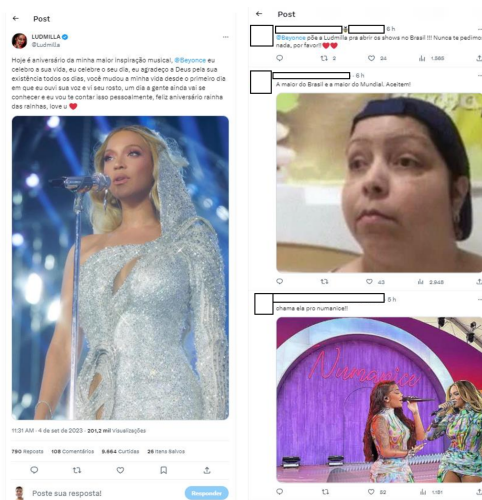
Em diálogo com o que se entende por concepção de língua(gem) como forma de interação social, Bakhtin (2016 [1952-1953]) concebe os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados. Sob tal ângulo, eles acontecem numa prática situada e irrepetível, sempre pedindo dos interlocutores o que o filósofo russo entendia, já no início do século XX, por responsividade-ativa para a produção dialógica de sentidos. Por esse caráter heterogêneo, situado e responsivo-ativo, possibilidades de mudança e intergenericidade fazem parte dos gêneros, tanto orais quanto escritos, usados por agentes sociais. Desse modo, os gêneros discursivos, que representam as práticas languageiras dos sujeitos dentro de determinada sociedade e, por conseguinte, a memória das relações intersubjetivas,

[...] recorrentemente, emergem de gêneros anteriores e podem dispor de potencial para atualizar seu uso passado, redefinindo uma experiência presente sob outra perspectiva. Certos gêneros seriam, assim, bivocalizados, reacentuando antigos contextos e abrindo a possibilidades para novos (Pereira, 2022, p. 108).

Nessa ideia de gêneros serem novos e velhos ao mesmo tempo, temos os gêneros nativos digitais, os quais, embora apresentem traços de gêneros impressos/pré-digitais, têm singularidades próprias do ambiente virtual (Paveau, 2021), e isso pede um novo olhar por parte das vertentes que se proponham a estudá-los. Uma dessas vertentes de estudo é a

Análise do Discurso Digital, representada por Paveau (2013; 2021), a qual traz à tona as seis características dos gêneros nativos digitais: (i) composição; (ii) deslinearização; (iii) ampliação; (iv) relacionalidade; (v) investigabilidade; e (vi) imprevisibilidade. O tuíte, gênero nativo digital a seguir, permite que observemos as singularidades da tecnodiscursividade⁴.

Figura 1: *Print de tecnodiscursos na rede social “X”⁵.*



Fonte: [@Ludmilla](#). Acesso em: 4 set. 2023.

Percebemos, na leitura e interpretação dos tecnodiscursos, que [@Ludmilla](#) deseja feliz aniversário à [@Beyonce](#), ao usar recursos específicos do ambiente digital na composição (Paveau, 2021) de sua produção, como a aplicação do “@” para marcar e notificar a cantora norte-americana, a colocação do emoji de coração ao final das felicitações e a organização da postagem, na qual recursos linguageiros e tecnológicos atuam concomitantemente na produção de sentido(s). Ao rolar o dedo para baixo na tela, identificamos o caráter ampliativo dos tecnotextos, uma vez que os *escredutores* cedem à vontade de ler e demonstrar suas opiniões, ao mesmo tempo, na digitalidade. Por conseguinte, o texto primeiro acarreta outros textos, que, por exemplo, também marcam e notificam [@Beyonce](#), pedindo um show da cantora norte-americana com [@Ludmilla](#) e apresentando uma composição imagética em que elas já estão cantando juntas. Daí, a característica relacional dos tecnodiscursos, pois, apesar de não necessariamente o *escreduitor* precisar ler linearmente a publicação da artista brasileira juntamente com todos os comentários feitos, notamos que os referentes discursivos tendem a

⁴ Por tecnodiscursividade, compreendemos as produções textual-discursivas concebidas e concretizadas dentro da digitalidade, com as singularidades próprias do ecossistema virtual (Paveau, 2021).

⁵ Até o dia 24 de julho de 2023, a rede social “X” era denominada de *Twitter*. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2023/07/24/twitter-morre-mas-passa-bem-rede-social-agora-se-chama-x-e-muda-identidade-visual/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

continuar nos comentários sobre a possibilidade de um encontro musical entre @Ludmilla e @Beyonce.

Nesse sentido, o *escreitor*, para lidar com o ecossistema digital, precisa apreender e desenvolver práticas próprias dos multiletramentos, que, conforme o manifesto *Uma pedagogia dos multiletramentos: desenhando futuros sociais*, do New London Group (NLG), “apontam para dois aspectos principais do uso da linguagem, sendo eles: as diferentes e múltiplas linguagens dos textos e a diversidade de contextos e culturas que constituem a sociedade” (Cazden *et al.*, 2021 [1996], p. 109).

Ao considerarmos os multiletramentos enquanto uma pedagogia como fez o NLG há mais de duas décadas, defendemos que não há a predominância do verbal, não verbal ou tecnológico na interação autor-texto-leitor; todo o compósito digital, mencionado anteriormente, é considerado nos multiletramentos, constitutivamente bifrontes e socioantropológicos (Rojo; Moura, 2019), para a produção de sentido(s). No entanto, sendo um processo, os multiletramentos, no contexto universitário, precisam ser apreendidos e desenvolvidos pelos graduandos, pós-graduandos e professores. Processo este, por vezes, bastante difícil principalmente para os graduando ingressantes na Universidade, os quais estão entrando em contato possivelmente pela primeira vez com textos, discursos e gêneros que não fazem parte de seus eventos e práticas de letramento e, geralmente, não trabalhados ou sequer mencionados no decorrer da educação básica. Dessa forma, interpretamos que, atualmente, os estudantes da Universidade precisam apreender e desenvolver práticas assentadas nos multiletramentos, incluindo o digital, no decorrer de suas trajetórias acadêmicas, embora esse processo envolva obstáculos, como os que analisaremos neste artigo.

O NLG, ainda, destaca a relevância da mudança de concepção que tínhamos acerca dos letramentos e, em relação ao nosso estudo, no que tange à formação do(a) professor(a) de línguas e literaturas:

Em resposta às mudanças radicais na vida profissional que estão em curso, precisamos trilhar um caminho cuidadoso que ofereça aos estudantes a oportunidade de desenvolver habilidades para o acesso a novas formas de trabalho por meio do aprendizado na nova linguagem do trabalho [e do dia a dia]. Mas, ao mesmo tempo, como professores, nosso papel não é simplesmente ser tecnocratas. Nosso trabalho não é produzir trabalhadores dóceis e submissos. Os estudantes precisam desenvolver a capacidade de opinar, de negociar e de serem capazes de se envolver criticamente nas condições de suas vidas profissionais (Cazden *et al.*, 2021 [1996], p. 24).

Assim sendo, num mundo globalizado e midiaticizado, em que há uma nova ecologia simbólica⁶, com consequências para a vida social, em diferentes esferas (Sodré, 2009), tomar o letramento enquanto “autônomo” (Street, 2014) é defender uma perspectiva tecnicista e logocêntrica de língua(gem), sem considerar as situações de uso e as demandas da sociedade atual, sobretudo quanto às práticas de linguagem na digitalidade. Já quando nos ancoramos no “modelo ideológico” (Street, 2014) e concebemos letramentos, em sua multiplicidade, damos destaque a sujeitos heterogêneos com práticas diversas, situadas em contextos sócio-históricos específicos e mediadas geralmente pelas novas tecnologias.

Paralelamente a tal fator, existem as características sócio-históricas, políticas, identitárias e de poder “escondidas” na escrita acadêmica que frequentemente não são discutidas com os graduandos, apesar de serem levadas em consideração na avaliação de suas produções e, conseqüentemente, formação universitária (Street, 2010). Como resultado, estratégias de estudo e de apropriação da escrita acadêmica para participação em seleção de programas⁷ ficam implícitas, bem como o processo de submissão de textos acadêmicos a periódicos e o próprio uso eficaz das novas tecnologias para o fazer científico/acadêmico podem ser desconhecidos pelos estudantes.

Em virtude disso, as práticas e os eventos de letramento na Universidade, nos quais necessariamente os graduandos estão envolvidos, mostram-se como obstáculos a serem superados em razão das dimensões “escondidas” da esfera acadêmica (Street, 2010) e, considerando a cultura digital em que vivemos, das singularidades da construção de conhecimentos científicos/acadêmicos na digitalidade⁸. Assim, buscamos investigar os modos de apropriação da escrita acadêmica pelos graduandos, atravessada pelas “dimensões escondidas” (Street, 2010), por intermédio da análise de seus textos compartilhados no compósito digital da plataforma.

A tabela a seguir apresenta os fundamentos básicos antigos, numa perspectiva autônoma, e novos, num mundo globalizado e midiaticizado, em relação a concepções de práticas letradas.

Tabela 1: Fundamentos básicos antigos e novos dos letramentos.

⁶ A ecologia simbólica diz respeito à mediação tecnológica nas variadas atividades da sociedade, e isso alterou e continua alterando os comportamentos e as atitudes na esfera dos costumes pautada, atualmente, pelas mídias digitais (Sodré, 2009).

⁷ Citamos como exemplo o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Programa Institucional de Residência Pedagógica (PIRP), Programa de Educação Tutorial (PET), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), entres outros, que enriquecem a formação do graduando.

⁸ Mais à frente, mencionamos o *Linguisttweets*, conferência internacional de linguística planejada e concretizada anualmente, desde 2020, pela Abralín (Associação Brasileira de Linguística) na rede social *Twitter*.

Fundamentos básicos antigos	Fundamentos básicos novos
Leitura e escrita são dois dos três fundamentos básicos.	Letramento e numeramento como habilidades de vida fundamentais.
Relação fonema-grafema.	Letramentos múltiplos para um mundo de comunicação multimodal.
Ortografia e gramática "corretas".	Ortografia e gramática adequadas aos seus contextos de uso.
Língua-padrão e "educada".	Muitas línguas sociais que variam de acordo com contextos e ambientes.
Apreciar textos de "prestígio" (de valor literário).	Uma ampla e diversificada gama de textos valorizados, com acesso crescente a diferentes mídias e tipos de texto.
Tipos de indivíduos "bem disciplinados".	Tipos de indivíduos que podem negociar diferentes contextos e estilos de comunicação, inovar, assumir riscos, negociar a diversidade e navegar pela incerteza.

Fonte: Elaborada com base em Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 23).

Desse modo, relacionarmos as práticas de linguagem na digitalidade com formação docente é, antes de tudo, nos voltarmos à carência de estudos sobre essa relação (Farias, 2022) e navegarmos pelas necessidades demonstradas pelo mundo contemporâneo, no qual tanto a Universidade quanto a escola estão inseridas, não alheias à influência de novas tecnologias digitais no cotidiano dos estudantes, como assinala a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atual documento curricular orientador do ensino na educação básica brasileira.

Ao voltar-se à cultura digital, a BNCC (2017-2018)⁹ indica a necessidade de multiletramentos dos docentes e discentes, visto que, na sociedade contemporânea, marcada pela mediação dos recursos tecnológicos em nossas ações rotineiras, é imprescindível a formação de cidadãos críticos e éticos, em suas atividades, também na internet. Cientes disso, no *CGScholar*, os professores em formação dos cursos de Letras da UFPE escolheram variados assuntos estudados no decorrer da graduação, planejaram divulgações científicas digitais com base em temas e assuntos estudados em diferentes disciplinas, bem como as socializaram no ambiente digital. Neste trabalho, descrevemos e analisamos uma dessas divulgações científicas para apontar que o esperado pela Base, em relação ao docente que lida com a cultura digital e reflete sobre possibilidades de construção de conhecimentos por meio das novas tecnologias, é possível já na formação do professor na Universidade.

⁹ Nesta pesquisa, utilizamos "2017-2018" à vista do fato de que, apesar da versão final do documento ter sido entregue ao Conselho Nacional de Educação (CNE), em abril de 2017, todas as etapas do ensino básico, incluindo a do o médio, só foram incluídas no referencial curricular em 2018.

Ancorada em Bakhtin e o Círculo, em relação à realidade pré-digital e impressa, Machado (2016, p. 94) defende que “os enunciados de divulgação científica estabelecem-se na regularidade de diferentes tipos de gêneros – como o artigo, a reportagem, a entrevista impressa ou televisiva, entre outros -, tendo a esfera científica como denominador comum”. Já ao tratar da realidade digital, ressalta que “o enunciado de DCD [divulgação científica digital] é concretizado na internet, [...] dotado de tecnologias discursivas e técnicas” (Machado, 2016, p. 95). Seguindo esse raciocínio, com as singularidades que a produção digital tem, assinalamos que, com as práticas de letramento acadêmico advindas da digitalidade e a necessidade de um novo modo de pensar os letramentos, é possível a análise de como o ambiente digital concede subsídios para novas maneiras de planejar e socializar a divulgação científica.

Isso se torna ainda mais evidente com o *Linguistweets*, conferência internacional de linguística da Abralín (Associação Brasileira de Linguística), na rede social *Twitter*. Ao propor a apresentação de pesquisas acadêmicas assentada na digitalidade, o evento recomendava que professores-pesquisadores das diferentes modalidades da área de linguística (graduados, mestres, doutores e pós-doutores) realizassem práticas tecnolinguageiras para a divulgação das pesquisas. Desse modo, entendemos que para uma Associação reconhecida a nível internacional, há possibilidades da construção de conhecimentos universitários no ambiente virtual, noção com a qual concordamos e nos ancoramos neste estudo, principalmente se vistas as plataformas projetadas, lançadas e atualizadas com esse objetivo de mediação das práticas universitárias.

Inseridos nessa cultura digital, que perpassa âmbitos desde a teoria científica à prática docente, pesquisadores vêm pensando em alternativas para a realização das práticas acadêmicas no ambiente virtual, especialmente utilizando as novas tecnologias disponíveis, como o *CGScholar*. Criada por pesquisadores da Universidade de Illinois, a plataforma nos evidencia possibilidades de explicitação das dimensões “escondidas” dos multiletramentos acadêmicos, bem como apropriação, desenvolvimento e socialização, por parte dos graduandos, das características do fazer científico/acadêmico no ambiente digital. Isso porque as comunidades de estudo dessa plataforma contêm interfaces próximas com as comumente utilizadas pelas pessoas – as redes sociais.

Permitem, com isso, fluidez, interações, a partir de comentários que usuários podem fazer nas postagens feitas pelos colegas, e um acompanhamento síncrono do que está sendo efetuado no espaço digital, por meio de abas intituladas “compartilhamentos”, “publicações recentes” e “fluxo de atividades”. É um ecossistema digital, nos termos de Paveau (2021),

com função teórico-prática para a construção e socialização de conhecimentos, incluindo a prática de divulgação científica (Machado, 2016).

Com base nos pressupostos teóricos apontados e discutidos, seguimos para o trajeto metodológico na próxima seção, em que detalhamos a abordagem desta pesquisa, bem como as ações feitas a fim de responder às perguntas norteadoras.

3. Trajeto metodológico

O estudo que se segue parte de um olhar etnográfico virtual (Street, 2010; 2014; Hine, 2015), sob abordagem qualitativa, com base no que Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1990) defendem como princípios para esse tipo de abordagem investigativa, e descritivista-interpretativista (Moita Lopes, 1994). É uma perspectiva etnográfica virtual de cunho descritivista-interpretativista, pelo fato de que o pesquisador-observador descreveu e interpretou as experiências universitárias e a proposta de divulgação científica construídas e postadas por graduandos na comunidade do *GScholar*. Para tal, a análise das práticas tecnodiscursivas dos licenciandos, enquanto *escreitores*, ancorando-se no respaldo teórico mencionado anteriormente, se mostrou fundamental. Em paralelo, ao estar inserido na cultura digital e analisar as práticas de linguagem através do e no ecossistema *CGScholar*, o pesquisador-observador não deixou de ser, também, um usuário da plataforma, movimento apontado por Paveau (2021) como necessário na Análise do Discurso Digital.

Essa plataforma foi utilizada no projeto (Multi)letramentos na Universidade da UFPE, que tem como objetivo geral analisar a pertinência de políticas de ações afirmativas que visem não apenas o acesso, mas a permanência de estudantes na Universidade, e os impactos dessas políticas públicas para a apropriação de novos letramentos por beneficiários de tais ações compensatórias. Nesse sentido, os dezesseis extensionistas do projeto, com as práticas textual-discursivas analisadas no estudo, foram do Curso de Letras-Português/Licenciatura, matriculados em diferentes períodos no momento da pesquisa: oito do quinto período, três do segundo, três do quarto e dois do sétimo. Para a preservação da identidade dos discentes, empregamos, nesta pesquisa, dentro das três postagens analisadas, as siglas L1, L2 e L3, sendo “L” a referência ao status de licenciando e “1”, “2” ou “3” ao momento em que a produção textual do sujeito é analisada neste estudo. Dessa maneira, o relato I se refere ao L1, relato II diz respeito ao L2 e a divulgação científica é de L3.

Escolhemos o *CGScholar* por interpretarmos que é, em sua ecologia digital, um ambiente arquitetado para as práticas universitárias na internet e que pode contribuir à

socialização de saberes acadêmicos/científicos e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de concepção ideológica e apropriação de letramentos por parte de graduandos dos cursos de Letras da UFPE. Para conceituarmos e trabalharmos com a noção de ambiente, recorreremos à abordagem da Análise do Discurso Digital que sai de

uma concepção egocentrada e logocentrada dos discursos (na qual a produção dos enunciados está a cargo dos locutores e o trabalho dos linguistas está centrado unicamente na matéria languageira de suas produções) para adotar uma abordagem simétrica distribuída (os agentes produtores dos enunciados estão distribuídos no conjunto do ambiente) (Paveau, 2021, p. 49).

Por isso, considerarmos o ambiente digital *CGScholar* ecologicamente torna-se importante na perspectiva pós-dualista, pois os recursos tecnológicos da plataforma deixam de ser considerados simples suportes e ganham a axiologia de “componente estrutural dos discursos” (Paveau, 2021, p. 50), hibridizados aos elementos textual-discursivos, na produção de sentidos feita pelo *escreitor*. Na análise, tomamos como base, também, o “modelo ideológico” (Street, 2014), em que os letramentos, sendo práticas sociais diversas, englobam as diferentes ações feitas na sociedade. Daí, o foco em licenciandos enquanto sujeitos heterogêneos, com práticas sociais, isto é, letramentos, que nunca se encerram, sempre se (trans)formam num processo contínuo.

Além disso, desde o início, tivemos em mente um aspecto que foi destacado aos licenciandos, *escreitores* da plataforma, e considerado nas etapas metodológicas deste trabalho – o fato de que o *CGScholar* ainda não disponibiliza um tradutor próprio de idiomas, do inglês para o português brasileiro ou qualquer outra língua. Todavia, uma vez que os principais navegadores de internet contam com uma tradução gratuita e simultânea dos sites, como *Google Chrome* e *Mozilla Firefox*, indicamos aos professores em formação que utilizassem essa ferramenta durante a navegação na plataforma, o que eles apontaram como uma dica positiva para a resolução desse possível impedimento de uso.

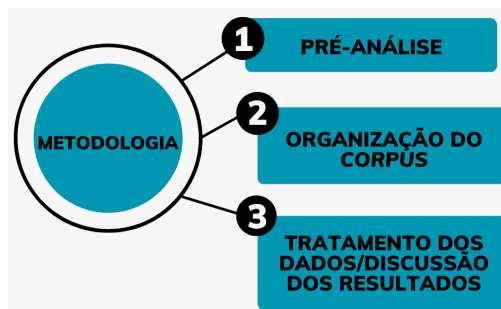
Feita tal indicação nos primeiros encontros virtualmente e com o intuito de respondermos a esses questionamentos e possibilitarmos novas discussões à literatura da área, trajetos metodológicos foram seguidos, sintetizados, neste estudo, em três etapas, apesar de termos realizados outros movimentos no decorrer da pesquisa. Na primeira etapa, com a pré-análise, juntamente à definição das questões de pesquisa e os objetivos que estiveram em destaque na lupa teórico-analítica do estudo, executamos: (i) levantamento bibliográfico; (ii) estudo de obras que serviram de respaldo teórico; (iii) escolha de conceitos-chave de teóricos que dialogam com as especificidades deste trabalho; (iv) observação das práticas

textual-discursivas dos estudantes na plataforma, ao conferirmos se entraram adequadamente na comunidade e como utilizaram das ferramentas disponíveis para a socialização dos saberes; e (v) primeira análise dos movimentos tecnodiscursivos dos participantes no *CGScholar*, por intermédio da análise de suas produções textuais e propostas de divulgação científica.

Quanto à segunda etapa da pesquisa, a organização do *corpus*, em decorrência da alta coleta de dados, precisamos averiguar e organizar o objeto de estudo pertinente aos nossos objetivos. Ao seguirmos a abordagem qualitativa e descritivista-interpretativista, respeitando a identidade dos(as) licenciandos(as), tiramos *prints* da plataforma estudada, das duas propostas de atividade e de três postagens (dois relatos e uma divulgação científica, a qual também contou com *prints* das artes no *Canva*) realizadas pelos estudantes entre o período de junho de 2023 e agosto de 2023, embora outras propostas de atividade e postagens tenham sido feitas. A primeira proposta de atividade consistiu no debate sobre o letramento acadêmico enquanto processo (Street, 2010; Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020), permeado por questões sócio-históricas, político-ideológicas, culturais, entre outras, e pediu que os integrantes da comunidade partilhassem textos acadêmicos/científicos produzidos por eles nos primeiros períodos da graduação, lançando um olhar crítico sobre esses trabalhos socializados. Já a segunda atividade propôs uma discussão a respeito de como os espaços digitais podem ser um meio de divulgação científica, aspecto visível, por exemplo, no trabalho desenvolvido por [@vitorlinguística](#), assim como sugeriu que os graduandos construíssem divulgações científicas acerca de assuntos estudados ao longo da graduação e compartilhassem tais produções com os demais extensionistas dentro do ecossistema *CGScholar*.

Concomitantemente à referida etapa dois, ocorreu a terceira, o tratamento dos dados/discussão dos resultados, em que o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo foram os critérios de seleção do *corpus*. O quadro, abaixo, apresenta uma síntese das três etapas deste estudo.

Quadro 1: Síntese das etapas realizadas no trajeto metodológico.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ainda em relação à terceira fase, os resultados oriundos desta pesquisa propiciaram um estudo sobre a escrita acadêmica de graduandos assentada na digitalidade que pode ampliar as discussões de áreas como Análise Dialógica do Discurso (ADD), Análise do Discurso Digital (ADDg), Linguística Aplicada (LA) e Linguística Textual (LT), ao lançar luz a um tema e a uma relação de grande relevância educacional e, por conseguinte, sociopolítica, mas com certa carência de estudos (Farias, 2022) – práticas tecnodiscursivas e formação dos docentes de línguas. Sendo assim, tendo em vista a necessidade de reflexões sobre tal relação e o palimpsesto constitutivo do fazer científico/acadêmico, as interpretações e proposições a seguir visam à complementação do que vem sendo orquestrado, conjuntamente, por pesquisadores-professores, licenciandos, estudantes da educação básica e todos os envolvidos no ato de educar.

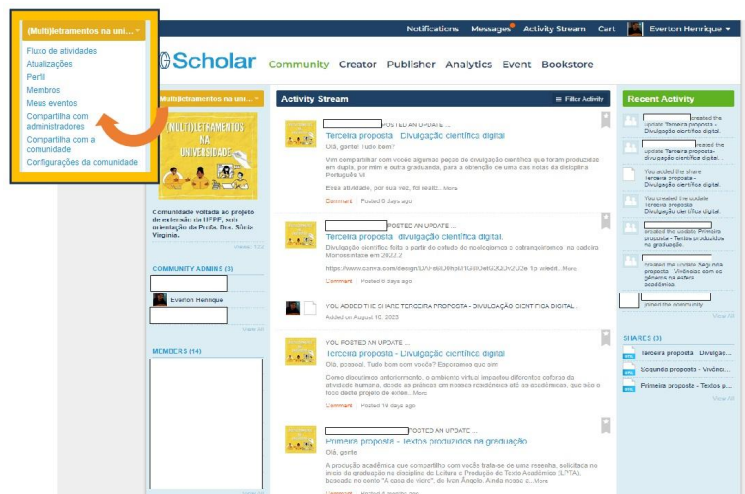
4. Análise de dados e discussão

As próximas subseções buscam contemplar o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho. Primeiramente, apresentamos e analisamos o ecossistema digital *CGScholar*, à procura de vermos de que modo esse ambiente virtual possibilita a socialização e construção de saberes acadêmicos/científicos. Em seguida, tendo a plataforma sido apresentada, observamos a primeira proposta de atividade, a partir da qual foram postados dois relatos pelos extensionistas, os quais analisamos considerando as “dimensões escondidas” do letramento acadêmico (Street, 2010) e os multiletramentos (Cazden *et al.*, 2021 [1996]; Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020). Já a última subseção tem como enfoque a análise da divulgação científica digital (Machado, 2016) que foi construída por um graduando, com base na segunda proposta de atividade.

4.1 *CGScholar*: um ecossistema digital

Nesta subseção, analisamos o ecossistema digital *CGScholar*, observando, em especial, como tal espaço virtual é projetado para a socialização de saberes acadêmicos/científicos. Abaixo, através de um *print* da plataforma, a comunidade do projeto de extensão Multiletramentos na Universidade pode ser observada.

Figura 2: *Print* da interface da comunidade do projeto de extensão Multiletramentos na Universidade no *CGScholar*.



Fonte: Registro feito pelo autor em 26 ago. 2023.

Na figura, temos um “fluxo de atividade” que se assemelha bastante ao *feed* das redes sociais comumente utilizadas, como o *Instagram*, à medida que há uma sequência topicalizada de todas as ações realizadas pelos usuários. Isso também é visualizado na lateral direita do ambiente, nas “atividades recentes”, em que temos: aviso da entrada de novos integrantes, bem como postagens e comentários feitos pelos professores-pesquisadores e educadores em formação. Ainda na lateral direita, observamos as “ações”, que são as propostas de atividades¹⁰ destacadas pelos professores-pesquisadores, destaques esses que assinalam a característica de investigabilidade do ambiente virtual (Paveau, 2021).

Já nas ferramentas acima, estão as opções “notificações”, que também dizem respeito a todas as ações feitas pelos usuários na comunidade; “mensagens”, com os recados que um *escreitor* recebe de outros membros; o referido “fluxo de atividades” e “carrinho de compras”, tendo eventos e livros desejados pelos *escreitores*¹¹. Notamos, ainda, as abas

¹⁰ Propostas essas que trataremos melhor a partir da subseção 4.2, intitulada “O desvelamento das dimensões ‘escondidas’ dos multiletramentos acadêmicos e a exploração das potencialidades da plataforma”.

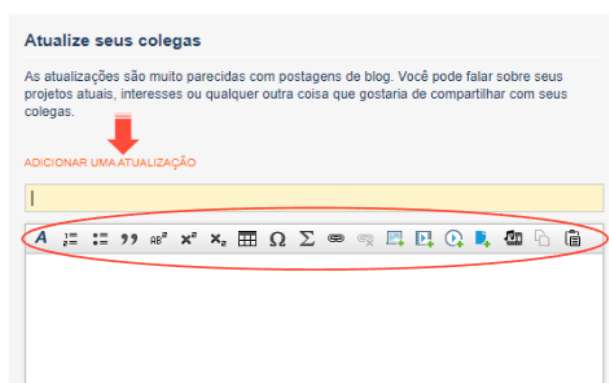
¹¹ Aqui, destacamos que essa oferta de produtos se encaminha num sentido para além de um caráter mercadológico, existindo muitas atividades e trabalhos gratuitos, e que observamos tal opção como uma forma de a plataforma tentar contemplar o letramento acadêmico em sua complexidade, com a necessidade de uma formação universitária ampla.

“comunidade”, a qual é a Multiletramentos na Universidade, no caso desta pesquisa, “criador”, com um editor que permite a construção de tecnotextos, a partir de imagens, vídeos, áudios etc., e “editor”, ferramenta que permite uma produção colaborativa, isto é, uma escrita feita simultaneamente por uma ou mais pessoas (Rojo; Moura, 2012).

Juntamente a tal edição, existe a aba de “análise”, que possibilita visualizar o desempenho do membro na produção colaborativa, além de “evento”, contendo atividades acadêmicas/científicas a serem concretizadas, e “loja de livro”. À vista disso, o *CGScholar* possibilita a socialização de saberes universitários em diferentes níveis, desde o planejar e produzir textos nativos digitais, com caráter acadêmico/científico, até o conhecer eventos e adquirir obras.

Quanto à lateral esquerda, encontramos o título da comunidade, sua pequena descrição e a logo do projeto. Paralelamente a isso, ao passar o *mouse* pelo título do projeto, o *escreitor* encontra gestos possíveis, como a edição de seu perfil na plataforma, visualização de membros também atuantes e compartilhamento de tecnodiscursos com todas as pessoas ativas na comunidade. Trataremos, a partir de agora, desta última ferramenta, por ter mediado as produções tecnodiscursivas que analisamos neste estudo e, conseqüentemente, conter características fundamentais para interpretarmos as singularidades desses textos nativos digitais (Paveau, 2021).

Figura 3: Ferramenta de edição de textos disponibilizada aos *escreitores* na plataforma.



Fonte: Registro feito pelo autor.

Observamos, de forma explícita, uma semelhança dessa ferramenta com editores de textos bastante usados na contemporaneidade, a nível mundial – *Google Docs* e *Microsoft Word*. Entretanto, partindo para uma análise mais aprofundada, assinalamos a singularidade do editor do *CGScholar*, já que, diferentemente dos dois *softwares* reconhecidos

mundialmente, os quais têm uma arquitetura digitalizada, ele apresenta uma lógica do espaço nativo digital (Paveau, 2021) que existe restritamente online. Em vista dessa característica, tecnodiscursos, como vídeos do *YouTube* e áudios de diferentes tipos, produzem sentidos num mesmo ecossistema virtual, sem precisar que o usuário abra mais uma aba a partir de um *link* para acessar determinado conteúdo. Há, assim, o *design* de página única (Paveau, 2021), em razão da substituição, nas mídias digitais, do clique em *links* por rolagens de cima para baixo e vice-versa, em páginas únicas, com agrupamento de informações.

Logo, considerando que os gestos enunciativos têm, em sua tessitura, as especificidades do seu campo de comunicação (Bakhtin, 2016 [1952-1953]), notamos como a tecnodiscursividade requer, no seu próprio planejamento, uma “genericidade compósita” (Paveau, 2013) – os aspectos languageiros e tecnológicos coparticipam na produção de sentidos. Dessarte, o *CGScholar* permite que textos nativos digitais, com as características trabalhadas por Paveau (2021), possam ser desenvolvidos e socializados por acadêmicos de forma ecológica, propiciando um espaço em que conhecimentos são construídos e podem ser revisitados a qualquer momento.

Por efeito de tais singularidades descritas e interpretadas, que refletem uma tendência da sociedade de forma geral, visto que partimos da ideia de indissociabilidade entre homem e máquina, nos dias atuais (Sodré, 2009; Santaella, 2022), a plataforma analisada se apresenta como um ambiente convergente ao que o NLG assegurou enquanto demandas na formação e prática dos docentes, as quais precisam refletir sobre metodologias de ensino em diálogo com as novas tecnologias. Isso é visível porque o *CGScholar* serve como meio para os letramentos, ou seja, as “múltiplas formas de comunicação e construção de sentidos, incluindo os modos visual, auditivo, espacial, comportamental e gestual” (Cazden *et al.*, 2021 [1996], p. 64). É o processo da construção de olhares e ações críticos que, a partir deste momento, buscaremos interpretar nas reflexões sobre as dimensões “escondidas” dos letramentos acadêmicos.

4.2 O desvelamento das dimensões “escondidas” dos multiletramentos acadêmicos e a exploração das potencialidades da plataforma

A seguir, interpretamos a primeira atividade proposta na plataforma, a partir da qual foram realizados dois relatos dos extensionistas que analisamos nesta subseção.

Figura 4: Proposta de atividade sobre vivências com os multiletramentos acadêmicos e compartilhamento de textos dos primeiros períodos de graduação.

(Multi)letramentos na universidade's Updates

Primeira proposta - Textos produzidos na graduação

Olá, pessoal. Esperamos que vocês estejam bem e com saúde.

Como debatemos nos últimos encontros, a escrita acadêmica é um processo de letramento, sendo necessário um engajamento de nossa parte para nos "inventarmos" no cotidiano discente e, consequentemente, nos apropriarmos dos gêneros acadêmicos. Esse engajamento se torna ainda maior se levamos em consideração que o ensino-aprendizagem atualmente está permeado pelos (multi)letramentos, sobretudo após a pandemia gerada pela COVID-19. Por (multi)letramentos, nós entendemos como sendo:

Letramentos viabilizados pelo digital que, em geral, apresentam textos multimodais - viabilizados por diversas linguagens (imagem estática e em movimento, música, áudios diversos, texto escrito e oral) - e, portanto, exigem saber interpretar várias linguagens atualizadas em conjunto (ROJO, 2020, p. 40).

No entanto, infelizmente, essa apropriação por vezes acontece de forma difícil, pois aspectos ocultos, como hierárquicos, sócio-históricos, econômicos, identitários e de poder, estão presentes na academia e na vida de forma geral. A respeito disso, Brian Street (2010) propõe uma metodologia alternativa e expansiva, a qual explicita as dimensões "escondidas" na produção de artigos acadêmicos. Tal método pode ser melhor aprofundado por meio da leitura da seguinte pesquisa:

Street (2010) - "Dimensões 'escondidas' na escrita de artigos acadêmicos"

A entrevista, abaixo, também possibilita que ampliemos nossa criticidade sobre o letramento acadêmico:

Letramento Acadêmico

LETRAMENTO ACADÊMICO

Entrevista com a especialista LEPs

Entrevista: Adriana Fischer

Entrevistadores: Inamir Cezario

ATIVIDADE

À vista da construção dos (multi)letramentos e das dimensões "ocultas" do cotidiano acadêmico, gostaríamos de propor o compartilhamento de gêneros acadêmicos produzidos por vocês na graduação: resenhas, ensaios, artigos etc. Partilhem os textos conosco e comentem como foi o processo de escrita. Para isso, a seguir, partilhamos com vocês o tutorial de como realizar a postagem na comunidade.

COMO CRIAR UM UPDATE/PUBLICAÇÃO? FICA LIGADO NO PASSO A PASSO!

1. Faça login no CGScholar (com usuário e senha).
2. Logo abaixo de sua foto, em your community/your community, você verá as comunidades das quais você faz parte. Clique na nossa comunidade - (Multi)letramentos na universidade;
3. Abaixo da logo de nossa comunidade, você verá o título. Passe o cursor em cima do título e clique na opção **Open/Atualizar**.
4. Uma nova aba será aberta. No centro da tela, você verá um recorte, abaixo de Update Community Member/Adicionar membros da comunidade, para adicionar um título e o corpo de sua publicação (texto, links, imagens etc.);
5. Prontinho! Agora, é só criar a publicação que você deseja adicionar e realizar em Add Update/Adicionar atualização.

Obs.: não esqueçam de indicar que as postagens dizem respeito à primeira semana.

Fonte: *Print da comunidade no CGScholar.*

Visualizamos, na figura 3, diferentes informações — textos escritos juntamente à entrevista do *YouTube*, PDF (*Portable Document Format*), arte anexada com o tutorial de como realizar a primeira postagem na plataforma, entre outras — numa mesma aba, que interpretamos como o *design* de página única (Paveau, 2021) neste estudo. Nessa ótica, estamos cientes de que

A escrita já foi a principal maneira de construir significados em diferentes épocas e lugares. Cada vez mais, os modos grafocêntricos de significado podem ser complementados ou substituídos, por outras formas de cruzar o tempo e a distância, como gravações e transmissões orais, visuais, auditivas, gestuais e outros padrões de significado (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020).

Assim sendo, notamos que, num mesmo ambiente virtual, os graduandos encontram diversos conhecimentos sobre o tema da discussão naquele momento – o letramento acadêmico, em especial, as características que denominamos como “escondidas” a respeito do fazer acadêmico/científico, com base em Street (2010). No que tange às dimensões “escondidas” do letramento acadêmico, o antropólogo, a partir da descrição e análise de um estudo de caso em sua disciplina sobre letramento, na Universidade da Pensilvânia, investigou os critérios, muitas vezes não explicitados aos graduandos, que são considerados na avaliação de suas produções textual-discursivas.

Notadamente, na investigação, que considerou um referencial teórico composto majoritariamente pelo modelo dos letramentos acadêmicos, Street (2010) lançou luz para questões sócio-históricas, políticas, identitárias e de poder que permeiam a escrita de artigos

científicos, e isso, aqui, estendemos para os demais gêneros bastante produzidos e circulados no espaço acadêmico. Entra em cena, numa ótica que desconsidera tais questões, um pensamento tecnicista e limitante, o qual não compactua com o ideal de Universidade e sua formação integral, crítica e ética.

Dito isso, a proposta da primeira atividade foi que os graduandos socializassem um gênero acadêmico produzido no decorrer da graduação e voltassem um olhar crítico para ele, a partir dos termos-conceitos discutidos de multiletramentos (Cazden *et al.* 2021 [1996]) e letramento acadêmico (Street, 2010). Na proposta, não foi exigido o uso das ferramentas tecnológicas do *CGScholar* nos relatos, embora esses recursos tenham sido apresentados aos graduandos anteriormente, em debates a respeito do letramento acadêmico enquanto processo e as potencialidades da plataforma, o que nos possibilitou notar em que medida os estudantes se apropriaram do ecossistema digital estudado. Sob esse ângulo, baseados em nossas perguntas e objetivos de pesquisa, escolhemos dois relatos, que serão analisados, a seguir, considerando, em nossas interpretações, os movimentos indicados pela atividade e as ferramentas tecnológicas disponíveis na plataforma, visto que práticas de linguagem e recursos tecnológicos atuam concomitantemente, na virtualidade (Paveau, 2021).

Figura 5: Relato I de L1, feito com base nas discussões da primeira proposta de atividade.

Primeira semana: Ensaio

Olá, colegas.

A produção acadêmica que pretendo compartilhar com vocês hoje é um **ensaio de um texto** de Octavio Paz, que debata sobre os conceitos de poema e poesia. Esse foi trabalho a minha **primeira experiência "solo" na universidade**, afinal, como sabemos, **a maioria dos professores gosta de analisar textos escritos em dupla**. Sendo assim, escolhi ele para exemplificar minha vivência com a escrita acadêmica porque os traços de escrita ali presente são **exclusivamente meus**, sem **a interferência de um trabalho em equipe ou coautor**.

Esse texto foi escrito como avaliação para a disciplina de Teoria de Literatura II – Poesia, cursada no segundo período. Optei por um texto de início de graduação pois, em minha opinião, **demonstra uma escrita mais naturalizada e pouco afetada por academicismos engessantes**, exibindo minha real inexperiência com os gêneros.

Reparem que, talvez por **incompetência** minha, o texto foi produzido sem **a utilização de muitas referências**. Não querendo me justificar, mas acredito que eu ainda tivesse medo de organizar uma própria curadoria de artigos para elaborar uma obra minha de maior complexidade e credibilidade. **Me pergunto se hoje, com uma experiência um pouco maior, se eu o teria feito com uma extensão maior, mais informações e referências.**

Por fim, agradeço pela atenção de todos. Fico muito aliviado em ter esses espaço para debater esses temas.

Abraços!

Avalia_C3_A7_C3_A3o_20i_20-24 0(Teoria_20ii_Turma_20TT)_20(1).docx

Fonte: Registro feito da comunidade no *CGScholar*.

Em relação ao relato I, feito com base nas discussões construídas na primeira proposta de atividade (figura 3), o gênero escolhido foi o ensaio, escrito por Octavio Paz, que discute os conceitos de poema e poesia. Daí, destacamos a cristalização do ensaio na área de literatura, o que demonstra como a produção e circulação dos gêneros dependem das demandas de agentes sociais, em esferas de atividade da comunicação humana (Bakhtin, 2016 [1952-1953]). Em seguida, L1 evidencia sua experiência com os letramentos

acadêmicos e começa a justificar o porquê da escolha – “[...] minha primeira experiência ‘solo’ na universidade, afinal, como sabemos, a maioria dos professores gosta de analisar textos escritos em dupla [...]”.

Ressaltamos, nesse primeiro recorte, a escrita em dupla mencionada por L1, ou seja, duas pessoas escrevendo um texto conjuntamente, dinâmica da qual o graduando busca se distanciar, fazendo com que ele escolha o ensaio no relato, pois foi sua primeira experiência escrevendo um gênero sozinho na Universidade. Interessante apontarmos, também, que embora não mencionado por L1, o gênero foi produzido no ERE, período no qual a escrita colaborativa (Rojo; Moura, 2012), através de ferramentas tecnológicas como o *Google Docs*, tornou-se bastante profícua para a construção dos trabalhos de disciplinas da graduação. Por isso, o compartilhamento de ideias e otimização de trabalho do professor são provavelmente aspectos que corroboram para a preferência dos docentes por produções em dupla, segundo L1, ou colaborativas, nos termos de Rojo e Moura (2012), as quais, conforme o professor em formação, não eram interessantes para a proposta da atividade.

No segundo recorte feito acerca do relato I, a justificativa da preferência pelo ensaio continua: “escolhi ele para exemplificar a minha vivência com a escrita acadêmica porque os traços de escrita ali presentes são exclusivamente meus, sem a interferência de um trabalho em equipe ou coautoria” (L1). A ideia de “traços de escrita” apresentada permite que ressaltemos o que Bakhtin (2016 [1952-1953]) entendeu como “marcas” textual-discursivas. Tais “marcas” estão presentes em nossas produções à medida que cada enunciado, sendo único e irrepetível, considera o dialogismo infindável – o discurso construído a partir da interação com o outro que é percebido em textos. Quando trazemos esse dialogismo para a esfera acadêmica, destacamos que nenhuma fala-escrita¹² é “pura”, sem os atravessamentos do contato com os enunciados e vivências de outrem. Desse modo, o relato de L1 é sobre uma produção “influenciada em sua nascente pelas condições de circulação e de recepção, e também influencia essas condições” (Sobral, 2009, p. 49), apesar de ser um trabalho intitulado como individual.

Posteriormente, o licenciando permanece trazendo o contexto e as motivações de sua escolha, ao afirmar que, por ser um texto dos primeiros períodos da graduação, o ensaio demonstra “uma escrita mais naturalizada e pouco apoiada por academicismos engessantes”, e isso exhibe uma “real inexperiência com os gêneros” (L1). A respeito disso, Street (2010) explicita que, em alguma medida, as produções textual-discursivas de pós-graduandos são

¹² Ao realizarmos a grafia “fala-escrita”, estamos demarcando o diálogo com a concepção do *continuum* de Marcuschi (2008).

mecanizadas, não tendo espaço para reflexões sobre o gênero, as finalidades do texto, os argumentos utilizados, o ponto de vista do autor, entre outros aspectos que se mantêm “escondidos” nas práticas letradas acadêmicas/científicas.

Sendo assim, apesar de ser uma investigação no contexto estadunidense, bem focado na escrita de artigos científicos de pós-graduandos, as considerações de Street (2010) dialogam com o “engessamento” notado e elucidado por L1, visto que as convenções institucionalizadas da Universidade, permeadas por fatores sócio-históricos, políticos e de poder, possibilitam pouco espaço para a criatividade autoral (Bezerra, 2019). Ademais, no que tange à falta de experiência relatada com os gêneros, partindo da ideia de que os letramentos são processos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020), o letramento acadêmico necessita que estudantes se apropriem e desenvolvam as práticas languageiras recorrentes nessa esfera. E, como o ensino da educação básica, na realidade brasileira, tem uma visão ainda muito presente que restringe o trabalho com os textos, discursos e gêneros à gramática normativa (Antunes, 2003), as dificuldades enfrentadas por bastantes ingressantes, na apropriação de novos letramentos, ficam evidentes nos primeiros períodos dos cursos, como no caso de L1.

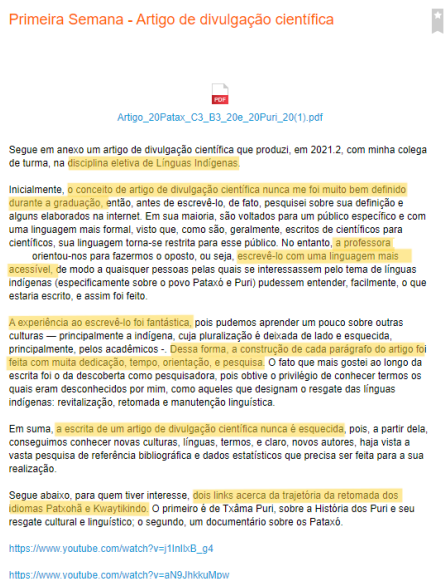
Sem considerar os letramentos enquanto processos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020) e submetido às dimensões “escondidas” no fazer acadêmico/científico (Street, 2010), ao final de sua publicação, o licenciando proporciona que interpretemos um sentimento de culpa pelo modo como o ensaio foi escrito; é uma autoavaliação negativa de sua escrita. Nessa perspectiva, substantivos como “incompetência”, “referências” e “confiança” emergem no relato do discente e permitem que verifiquemos a importância de complexificarmos e olharmos criticamente cada vez mais para os letramentos acadêmicos dos graduandos. Importância essa que o próprio graduando observa e ressalta, ao dizer que se sente “aliviado em ter esses espaços para debater esses temas” (L1).

A respeito do uso dos recursos tecnológicos da plataforma na socialização, o discente disponibilizou, abaixo de seu relato, o documento de sua atividade para *download*, o que demonstra, em alguma medida, a exploração das potencialidades do ambiente *CGScholar* por parte do estudante. Tendo em vista que aspectos languageiros e não languageiros coparticipam na produção de sentidos no espaço virtual, tal ação de disponibilizar o documento tem relevância na medida em que torna visível a forma como o *CGScholar* consegue, num *design* de página única (Paveau, 2021), possibilitar um rico repertório de conhecimentos acadêmicos/científicos, disponíveis por vários recursos técnicos.

Contudo, uma vez que a interação nas novas tecnologias pede, também, a utilização de novos recursos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020), interpretamos que determinadas ferramentas, disponibilizadas pelo editor de textos do ambiente e investigadas na subseção anterior, enriqueceriam o relato, caso fossem empregadas pelo graduando em seu tecnodiscurso. Desde destaques, como o uso de negrito e itálico, à colocação de *hiperlinks* na postagem, a aplicação dessas potencialidades configura-se como as singularidades do texto nativo digital que lhe diferenciam da produção pré-digital (Paveau, 2021). Dessa forma, observamos que o discente explorou determinadas ferramentas do *CGScholar*, quando escreveu seu relato e anexou seu documento logo em seguida, mas ainda demonstrou uma produção bastante nos moldes da realidade pré-digital, isto é, fora dos ambientes virtuais, sem destaques, *hiperlinks* etc., elementos esses que constituem as características das tecnodiscursividades.

Abaixo, temos o segundo relato, da área de linguística, que será analisado, a partir de agora, sob o mesmo olhar teórico-metodológico lançado sobre o primeiro depoimento.

Figura 6: Relato II de L2, feito com base nas discussões da primeira proposta de atividade.



Fonte: Registro feito da comunidade no *CGScholar*.

Desta vez, o gênero acadêmico escolhido foi o artigo de divulgação científica, produzido por L2, com outra estudante, na disciplina sobre línguas indígenas, nos primeiros períodos do curso, como L1. Logo de início, a graduanda relata que, embora seja bastante debatido e produzido na área disciplinar de linguística (Motta-Roth; Hendges, 2010), “o conceito de artigo de divulgação científica nunca me foi muito bem definido durante a

graduação” (L2). Em tal discurso, verificamos, em mais um depoimento, outras dimensões “escondidas”, apontadas por Street (2010), na construção de conhecimentos sobre o fazer científico/acadêmico, que podem criar, aos poucos, lacunas no ensino-aprendizagem dos discentes e a sensação de ausência epistemológica.

Ainda que consideremos a importância da autonomia do estudante para o desenvolvimento e partilha de saberes (Freire, 2019), o que se apresenta no relato II é, nos estudos dos gêneros, a falta de explicitação da relevância, circulação, leitores em potencial e movimentos retóricos recorrentes do artigo científico. À luz de Bawarshi e Reiff (2013), pontuamos que as lacunas apontadas pela aluna ficam próximas à metodologia que é realizada pela pedagogia implícita de gêneros, a qual se baseia

na compreensão do conhecimento de gêneros como conhecimento ‘tácito’, parte da ‘sensação vaga’ dos estudantes sobre o novo gênero que estão tentando aprender, modificada e desenvolvida por meio do processo de composição e no decorrer do texto em desenvolvimento (Bawarshi; Reiff, 2013, p. 217).

Nesse sentido, mesmo que a docente não tenha explicitado que se ancora na abordagem implícita de gêneros, nem a discente consiga intitular a experiência na disciplina com nomeações teóricas, criando dimensões “escondidas” na construção de conhecimentos (Street, 2010), L2 nos permite indicar que ela percebeu, em alguma medida, a ausência epistemológica em torno do ensino-aprendizagem a respeito do gênero artigo científico. Em virtude disso, antes de produzir o trabalho, a graduanda relatou uma pesquisa sobre a definição e exemplos de artigos na internet, através da qual notou que os artigos científicos são “voltados para um público específico e com uma linguagem mais formal, visto que como são, geralmente, escritos de científicos para científicos, sua linguagem torna-se restrita para esse público” (L2). Porém, dado que os gêneros se constituem como tipos relativamente estáveis de enunciados (Bakhtin, 2016 [1952-1953]), a professora-mediadora da cadeira buscou uma maneira de tornar a escrita do artigo de divulgação científica mais flexível e de linguagem acessível, não “engessada”, nos termos ditos por L1 e analisados anteriormente. Isso posto, como teve mais abertura de colocar-se, na pesquisa, enquanto sujeito, com repertórios identitários, sócio-históricos, culturais e políticos, a estudante ressaltou sua satisfação com a experiência de elaboração do trabalho.

Salientamos que o espaço à flexibilidade na produção do artigo científico, em nenhum momento, quer dizer um menor rigor científico e empenho por parte da graduanda. Ao contrário, demonstra como, apesar dos movimentos retóricos recorrentes nesse gênero, uma metodologia que proporcione mais abertura ao pesquisador, considerando-o sujeito

heterogêneo com práticas letradas variadas e situadas, é possível e produtiva. Esse enfoque ganha ainda mais sentido tendo em mente o objetivo da Universidade e, consequentemente, suas pesquisas de dialogarem com as demandas da sociedade e alcançarem a população com uma linguagem acessível, como foi empregado no depoimento.

A discente informou que “a experiência ao escrevê-lo [o artigo de divulgação científica] foi fantástica, pois pudemos aprender um pouco sobre outras culturas – principalmente indígena, cuja pluralização é deixada de lado e esquecida, principalmente, pelos acadêmicos. Dessa forma, a construção de cada parágrafo do artigo foi feita com muita dedicação, tempo, orientação e pesquisa” (L2). Por esse ponto de vista, a apropriação e o desenvolvimento dos multiletramentos (Cazden *et al.*, 2021 [1996]; Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020) aliados à explicitação das dimensões “escondidas” (Street, 2010), na graduação, são movimentos que nos parecem adequados às demandas da sociedade atual, a qual busca construir conhecimentos acadêmicos/científicos que se voltam para as desigualdades, tentando amenizá-las. Movimentos que fizeram com que L2 se descobrisse pesquisadora, ao entrar em contato com um ensino dinamizado e termos-conceitos dos estudos de línguas indígenas.

Além disso, ainda sobre a segunda produção textual-discursiva descrita e analisada, enfatizamos como a estudante concretizou sua enunciação considerando o outrem, sem deixar de colocar-se enquanto sujeito individual, por meio do emprego da primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural no depoimento, nos verbos “pudemos”, “gostei”, “consequimos”, entre outros. A construção desse “eu” em contato com o outrem faz com que recorramos a Volóchinov (2021 [1929], p. 205), quando o filósofo destaca que “em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. [...] Toda palavra serve de expressão ao ‘um’ em relação ao ‘outro’. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro”.

Nessa acepção, o sujeito é individual e coletivo ao mesmo tempo, sendo a linguagem a principal ponte para tal relação, como dito por Volóchinov (2021 [1929]). E, se refletirmos sobre o fazer acadêmico/científico enquanto elos discursivos infindáveis, a noção de dialogismo fica ainda mais forte, o que L2 demonstrou ter ciência não só com as colocações verbais, como também no seu próprio discurso. Como resultado, o planejamento e desenvolvimento dos gêneros acadêmicos não são a repetição mecanizada de enunciados, mas uma maneira de conseguirmos “conhecer novas culturas, línguas, termos e, claro, novos autores, haja vista a vasta pesquisa de referência bibliográfica e dados estatísticos que precisa ser feita para a sua realização” (L2).

Ao final de seu relato, a graduanda anexou dois *links*, que complementam seu depoimento: um sobre a história, cultura e retomada linguística Puri¹³, bem como outro a respeito da língua Patxohã¹⁴. Sobre tal anexação, Paveau (2021, p. 242), em seus estudos, afirma que o *link* é sempre uma URL (*Uniform Ressource Locator*), que “pode permitir a navegação e a passagem de uma tela a outra, de um segmento a outro”. Logo, a URL é uma tecnopalavra, nos termos de Paveau (2021), que tem a potencialidade de ampliar a leitura e interpretação do *escreitor*, uma vez que precisa ser clicada, como estão postos os dois *links*, no segundo relato. L2, assim, finalizou sua produção explorando a hipertextualidade possível e enriquecedora para seu tecnodiscurso no *CGScholar*.

Traçadas as descrições e análises dos dois relatos, sublinhamos, para a finalização desta subseção, que as potencialidades digitais da plataforma foram sondadas através de gestos críticos por parte de licenciandos, os quais tinham o mesmo objetivo: o desvendamento das dimensões “escondidas” que permeiam os multiletramentos acadêmicos (Street, 2010). Em ambos os depoimentos das duas grandes áreas dos cursos de Letras (linguística e literatura), ficam explícitas a necessidade e as contribuições do entendimento dos letramentos enquanto processos situados. Paralelamente a isso, notamos a relevância de metodologias que coloquem em destaque o fazer científico/acadêmico como uma ponte para alcançar a sociedade. Assim, este será nosso foco a partir de agora: uma divulgação científica, construída no *CGScholar*, que permite reflexões sobre o ato de ir para além dos muros universitários.

4.3 Divulgação científica por meio da/na plataforma *CGScholar*

A proposta de atividade abaixo é a segunda e última a ser analisada neste trabalho. Ela procurou, assim como a primeira proposta, refletir sobre como as práticas digitais começaram a ser utilizadas ainda mais fortemente na rotina das pessoas após a pandemia, voltando-se, em especial, à divulgação científica digital. Na figura 6, o debate e o encaminhamento da atividade podem ser visualizados.

Figura 7: Proposta de atividade sobre a divulgação científica digital.

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j1InIxB_g4. Acesso em: 22 ago. 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aN9JhkkuMpw>. Acesso em: 22 ago. 2023.

Terceira proposta - Divulgação científica digital

Olá, pessoal. Tudo bem com vocês? Esperamos que sim.

Como discutimos anteriormente, o ambiente virtual impactou diferentes esferas da atividade humana, desde as práticas em nossas residências até as acadêmicas, que são o foco deste projeto de extensão. Nesse sentido, a forma como construímos e divulgamos conhecimentos também mudou, incorporando, assim, as ferramentas tecnológicas como mediadoras na construção de saberes, o que, por exemplo, é visualizado na divulgação científica digital. Ciente disso, Machado (2016, p. 95) afirma que:

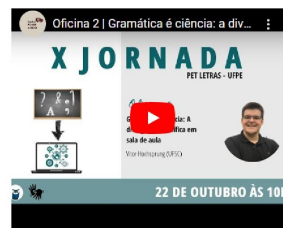
O enunciado de DCD [divulgação científica digital] é concretizado na internet, um meio de natureza multimodal, dotado de tecnologias discursivas e técnicas.



Machado (2016) - Divulgação científica

Desse modo, se a divulgação científica, no papel impresso, recorria a imagens estáticas, a realidade digital nos possibilita novos modos de pensar a socialização dos conhecimentos científicos, como vídeos, *links*, botões clicáveis, entre outras opções disponíveis. São recursos tecnodiscursivos e tecnolinguageiros que enriquecem ainda mais a maneira de partilhar saberes e que, na internet, fazem parte constitutiva do modo como interagimos.

Sendo uma referência quando falamos de divulgação científica digital na área de Letras, Vitor Hochsprung (@vitorlinguistica) nos conta como a digitalidade requer dele, mostrando na época da oficina e doutorando atualmente, diferentes táticas para atingir seu objetivo: construir e divulgar conhecimentos científicos no *Instagram*, sem se limitar a um grupo específico de usuários. A seguir, deixamos sua oficina, em que o relato é dado e um vasto repertório, disponibilizado para quem quer ser um divulgador científico, no ambiente digital.



Media embedded August 16, 2023

Ainda sob esse ponto de vista, o *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*, atual documento norteador do fazer docente na educação básica, requer dos professores em (re)atualização a formação o trabalho com as novas ferramentas tecnológicas. Nas competências específicas de ambas as fases do trajeto escolar (Ensino Fundamental e Médio), inclusive, a cultura digital aparece e percorre tanto do educador, por ser o mediador do ensino-aprendizagem, quanto do educando uma apropriação do letramento digital:

- 3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissêmicos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- 10. Mobilizar práticas de cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

ATIVIDADE

Diante disso, pedimos que você, licenciando(a) em Letras, construa uma divulgação científica digital lendo como base algum assunto estudado no decorrer de graduação sobre uma das principais áreas dentro das ciências – linguística, literárias e educação. Para isso, recomendamos que utilize as ferramentas tecnológicas disponíveis no *Canva*, que permite a edição de artes.

Fonte: Registro feito da comunidade no *CGScholar*.

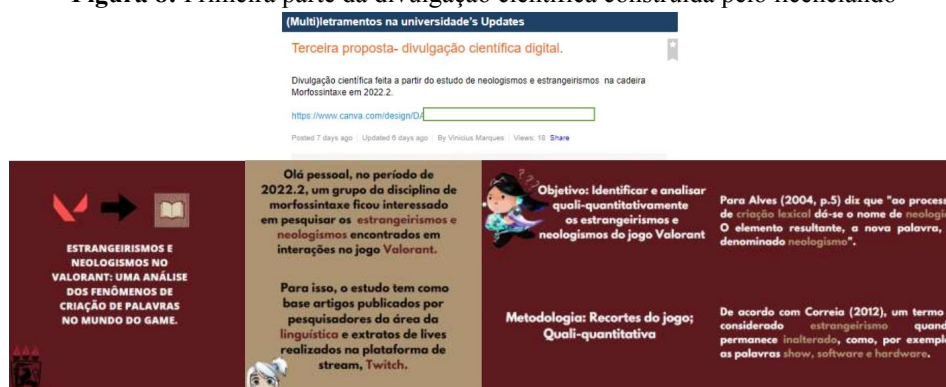
De início, notamos a contextualização da prática de divulgação científica digital com base em Machado (2016) e sua conceituação em forma de citação direta, a qual é destacada e centralizada por meio de um recurso tecnológico próprio da edição de textos digitais do *CGScholar*. Em seguida, observamos o artigo completo de Machado (2016), anexado à atividade, como uma leitura recomendada para aqueles que quisessem se aprofundar teórica e metodologicamente no assunto. Tal anexação permite que o *escreitor* da comunidade não fique apenas restrito ao ponto de vista e aos argumentos utilizados na postagem, como também possa ir diretamente à teoria que está fundamentando a discussão. A respeito dessa liberdade do *escreitor*, Paveau (2021) menciona a deslinearização, uma das seis características dos discursos nativos digitais, que é uma intervenção de elementos clicáveis, como o *link* nesta análise, no fio discursivo do texto primeiro — a proposta da atividade. Há, também, o destaque a esse *link* por intermédio da marca específica que aponta a existência de um PDF ao *escreitor*. Daí, percebemos que o texto primeiro se encontra com uma potencialidade de expansão em sua própria composição, já que “esses elementos tecnolinguageiros implicam o desdobramento sintagmático do enunciado, seu funcionamento enunciativo e sua materialidade semiótica” (Paveau, 2021, p. 145).

Posteriormente, tendo em vista o perfil dos graduandos, na plataforma, as discussões da postagem se voltam para a divulgação científica digital na área de Letras, com a menção a @vitorlinguistica e a disponibilização do *link* de sua conta do *Instagram*, elemento clicável que se configura enquanto tecnopalavra (Paveau, 2021) destacado de azul na publicação. Abaixo da referência ao trabalho de @vitorlinguistica, é disposta uma oficina desse mesmo pesquisador, intitulada “Gramática é ciência: a divulgação científica em sala de aula” e

organizada pelo grupo PET-Letras da UFPE. Desse modo, tanto a conta do *Instagram* de [@vitorlinguistica](#) quanto sua oficina, disposta num *design* de página única (Paveau, 2021), sem precisar que o usuário abra uma nova aba, dão enfoque para a divulgação científica digital na área disciplinar de Letras, possibilitando que os professores em formação se vejam enquanto divulgadores em potencial.

Ao levar em consideração, ainda, esse fator de licenciandos num processo formativo, a proposta de atividade dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atual documento norteador do fazer docente no ensino básico. Em especial, verificamos um destaque para a maneira como a Base se volta à cultura digital nas competências específicas a serem desenvolvidas pelos discentes do ensino fundamental e médio, ao se apropriarem e desenvolverem as práticas languageiras da virtualidade, inclusive a da divulgação científica (Brasil, 2017-2018). Por isso, num movimento de afunilação, de debates mais gerais para específicos, a proposta de atividade foi que os licenciandos construíssem divulgações científicas, com as especificidades do digital, sobre um assunto estudado no decorrer da graduação dentro das principais áreas dos cursos de Letras — linguística, literatura e educação, dentre as quais analisaremos a primeira parte de uma produção de divulgação científica, a seguir.

Figura 8: Primeira parte da divulgação científica construída pelo licenciando



Fonte: Registro feito na comunidade do *CGScholar*.

Ficamos cientes, a partir da pequena introdução feita pelo autor da divulgação científica, de que o trabalho teve suas discussões oriundas da disciplina de Morfossintaxe, cursada geralmente por licenciandos do Curso de Letras-Português no terceiro período, ou seja, conhecimentos construídos no começo da graduação. Adiante, como foi sugerido pela proposta de atividade, o estudante anexou o *link* do *Canva*, plataforma de *design* que permite a criação de artes para diferentes ambientes e contextos, como redes sociais, *YouTube*, matérias jornalísticas, apresentação de trabalhos acadêmicos e escolares, entre outros. À vista

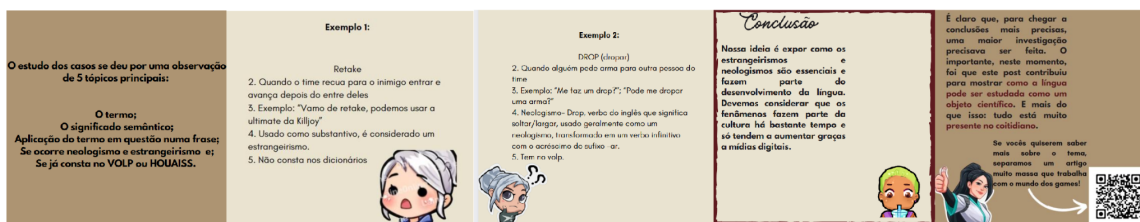
disso, o *escreitor* precisa se direcionar a uma nova aba de navegação para ter acesso ao trabalho construído.

Nela, encontramos a divulgação científica, intitulada “Estrangeirismos e neologismos no Valorant: uma análise dos fenômenos de criação de palavras no mundo do game”. Interpretamos, de início, a contextualização da pesquisa e no que ela se ancora: um estudo sobre “os estrangeirismos e neologismos encontrados em interações no jogo *Valorant*” com base em “artigos publicados por pesquisadores da área da linguística e extratos de *lives* realizadas na plataforma *stream*, *Twitch*”. Nessa parte, evidenciamos novamente como, na internet, recursos linguísticos e tecnológicos atuam concomitantemente na produção de sentidos, visto que a própria logo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e os elementos imagéticos referenciando o jogo servem de dêixis para nos situarmos na divulgação científica.

Após esse primeiro momento introdutório, embora a palavra “introdução” não esteja empregada na arte do estudo, vemos o objetivo geral da divulgação científica: “identificar e analisar quali-quantitativamente os estrangeirismos e neologismos do jogo *Valorant*”. Abaixo da meta geral, há a metodologia, de maneira resumida — “recortes do jogo; quali-quantitativa”. O discurso, nesse momento, indica o modo como a divulgação científica geralmente se apresenta: uma linguagem na qual a prioridade é uma retórica sintética e acessível, que, apesar de bastante resumida, não perde sua qualidade informativa.

Tal caráter acessível, sem deixar de ser informativo, é ratificado em seguida, quando o graduando recorreu a uma citação direta de Alves e à outra indireta de Correia. Ao demarcar o discurso alheio, por meio da referência a obras de autores, o estudante demonstra que suas reflexões sobre os estrangeirismos e neologismos no jogo *Valorant* precisaram de um levantamento da literatura previamente e que estão ancoradas a debates atuais. Nesse sentido, podemos compreender o ponto de vista de Grillo (2013, p. 79-80), segundo o qual a divulgação científica é “uma modalidade de relação dialógica promotora de um elo orgânico vivo entre a ciência, entendida como uma esfera ideológica constituída, e os estratos superiores da ideologia do cotidiano, que operam uma avaliação crítica viva dos produtos da ciência”. Seguindo a linha de pensamento da linguista, a divulgação científica é, em alguma medida, o elo entre a interpretação que é legitimada por se amparar na metodologia acadêmica/científica e aquela que, na prática, exemplifica os saberes universitários. Analisada a primeira parte da divulgação científica do estudante, agora, observaremos a segunda parte, encontrada a seguir.

Figura 9: Segunda parte da divulgação científica construída pelo licenciando.



Fonte: Registro feito na comunidade do *CGScholar*.

Notamos que, antes de trazer os exemplos, o discente explicou a maneira como os resultados foram construídos e categorizados, em cinco tópicos principais — (i) termo, (ii) significado semântico, (iii) aplicação do termo em questão numa frase, (iv) ocorrência ou não de neologismo e estrangeirismo e (v) inserção ou não da palavra no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) ou Dicionário Houaiss. Essa organização é observada na análise das palavras “retake” e “drop” que se segue, estando a imagem da personagem Jett do jogo *Valorant* em ambas as artes dos exemplos, e isso chama a atenção do *escreitor*, pois, no enunciado nativo digital, linguagem verbal e não verbal coexistem para a produção de sentidos (Paveau, 2021).

Ao final de seu texto de divulgação científica, o estudante dividiu sua conclusão em dois momentos. No primeiro, ele destacou o objetivo geral do que foi construído ao longo da pesquisa: “nossa ideia é expor como os estrangeirismos e neologismos são essenciais e fazem parte do desenvolvimento da língua” (L3). Enfatizamos, nesse trecho, o verbo “ser” no presente do indicativo, que assenta o objetivo da divulgação científica no agora, não no passado, como, por exemplo, comumente se emprega nas considerações finais de artigos científicos. A temporalidade presente da divulgação ganha ainda mais força na continuação da conclusão, quando o graduando afirmou que “devemos considerar que os fenômenos fazem parte da cultura há bastante tempo e só tendem a aumentar graças a mídias digitais” (L3). Com esse apontamento, interpretamos uma consciência do caráter mutável da língua(gem), bem como do papel das práticas tecnolinguageiras em tais mudanças. Consciência essa que, aliás, guiou toda a divulgação científica.

Já no segundo e último momento da conclusão, L3 aponta o (re)fazer acadêmico/científico, que sempre busca complementar ou reformular o que foi dito por outrem. Sob esse ângulo, conforme o discente, “para chegar a conclusões mais precisas, uma maior investigação precisa ser feita” (L3), podendo ser feita, inclusive, pelo *escreitor* que tem acesso ao *Quick Response (QR) Code* de um artigo científico sobre estrangeirismo no game *League of Legends*, ao final da divulgação científica. Nessa acepção, como o discente

assinala, o importante “neste momento, foi que este *post* contribuiu para mostrar como a língua pode ser estudada como um objeto científico. E mais do que isso: tudo está muito presente no cotidiano” (L3).

Assim, ao ser uma modalidade da relação dialógica, recorrendo a conhecimentos científicos e cotidianos (Grillo, 2013), a divulgação científica analisada nos permite notar a importância de saberes universitários que dialogam com práticas sociais e que vão para além dos muros da Universidade. Ademais, por ser nativo digital, o texto apresenta novos modos de composição, com recursos linguísticos e tecnológicos sendo manejados e empregados para a produção de sentidos. E, tendo em mente, ainda, que estamos considerando a produção de um licenciando, observamos reflexões sobre a língua(gem) alinhadas às demandas esperadas dos “professores de amanhã” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020) com a cultura digital (Brasil, 2017-2018), os quais não ficam restritos apenas aos livros didáticos, mas exploram também as potencialidades dos ambientes digitais, em prol da construção de conhecimentos.

5. Considerações finais

A apreensão e o desenvolvimento dos multiletramentos acadêmicos são, por vezes, um processo difícil para estudantes no início da graduação, que geralmente não têm contato com as práticas letradas dessa esfera antes de ingressar no ensino superior. Consequentemente, como analisamos neste artigo, as dimensões “escondidas” permeiam as vivências acadêmicas dos discentes, nos primeiros períodos dos cursos, observáveis em seus textos nativos digitais planejados e produzidos na plataforma *CGScholar*. Ambiente digital esse com singularidades que nos propusemos a estudar e pudemos interpretar que teve suas especificidades exploradas nas postagens dos discentes. Tal exploração de recursos languageiros e tecnológicos pôde ser analisada como enriquecedora, mostrando como, no espaço virtual, os tecnotextos dos graduandos apresentaram novos modos de composição e evidenciaram a relação indissociável autor-texto-leitor, também denominada *escreleitor*, pela Análise do Discurso Digital, na perspectiva de Paveau (2021). Todavia, em determinados momentos, compreendemos que recursos da plataforma poderiam ser melhor explorados nos depoimentos, com o intuito de, por exemplo, se apresentar vídeos do *YouTube* numa única página, sem precisar da abertura de novos abas.

Em relação à divulgação científica investigada, a produção não só evidenciou os movimentos tecnolinguageiros esperados numa pesquisa acadêmica/científica — contextualização, objetivo, metodologia, análise e conclusões, como também dialogou com

práticas sociais cotidianas, no caso um jogo, e recorreu a recursos tecnológicos (*link* anexado na comunidade e *QR Code*). Assim, sendo o *escreitor* da divulgação científica (L3) um professor de língua, em formação, conseguimos observar, nessa tecnodiscursividade, as possibilidades apontadas pela Base, no que tange ao docente crítico frente à cultura digital e aos conhecimentos possíveis por meio das novas tecnologias.

Portanto, almejamos que o percurso realizado neste trabalho possa servir como ponto de partida, não o de chegada, para um olhar e trabalho com/sobre os multiletramentos acadêmicos que considerem os repertórios socioculturais dos graduandos e que explicitem as características específicas, assim como as funções sociais, dos tecnogêneros. Aliado a isso, esperamos que as proposições construídas neste estudo incentivem reflexões sobre os benefícios da construção, cada vez mais necessária, de pontes entre Universidade e sociedade, proporcionando que saberes científicos/acadêmicos, quando divulgados e aplicados, sejam meio de transformação social.

Agradecimentos

Quando se vem de onde eu venho, muitas lacunas existem. Entretanto, cá estou eu, concluindo o curso de Licenciatura em Letras-Português. Assim, primeiramente, agradeço **a Deus**, pelo apoio e amor incondicional. Por me sustentar em momentos tão difíceis. **À Severina Maria** (*in memoriam*), **minha vó**, por sempre ter afirmado com intensidade que esse momento chegaria. Muito obrigado por construir comigo tantos letramentos sociais e por todos os pedidos de proteção do Pai sobre mim, minha estrela-guia. **Aos meus pais, dona Marisa e seu Edson**, por me amarem e protegerem tanto. Por me presentear com **meus amados irmãos, Emerson, Ester, Eulália e Eloisy**. Vocês são os amores da minha vida! **A Diogo**, por ter um modo bonito, tranquilo e otimista de enxergar o mundo. Por me fazer acreditar que tudo ficaria bem. **À Profa. Dra. Sônia Pereira**, por nunca colocar pontos finais nas minhas ideias, mas sempre reticências, e evidenciar que a Universidade também é meu lugar. Pelo encontro afetuoso e produtivo que tivemos e que seguimos tendo. **À Profa. Dra. Jailine Farias**, pelos diálogos sempre enriquecedores e por ter demonstrado interesse em contribuir com este estudo. Por amar os multiletramentos e explicitar isso em sua prática docente. **Ao Prof. Dr. Júlio Araújo**, por me acolher como estudante na UFC, num momento pandêmico e de ensino remoto. Por me mostrar o lado humanizador da pesquisa. **Ao PET-Letras/UFPE**, tutorado pelo **Prof. Dr. Marcelo Sibaldo**, por ter me proporcionado uma formação rica em conhecimentos e com encontros incríveis. **Aos queridos amigos — Aline, Amanda, Andreza, Bruna, Emanuelle, Gabriela, Giovanna, Hillary, Joseildo, Juliane, Mayra, Márcio, Vinícius C. e Vinícius M.**, entre outros, por tornarem minha caminhada mais dialógica e alegre. Por dividirem comigo conquistas e angústias. **Gratidão!**

Referências

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAÚJO, J. **Constelação de gêneros**: a construção de um conceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BEZERRA, B. G. Algumas teses sobre gênero na relação com texto e discurso. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE LINGÜÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2019, Arcoverde. **Anais** [...]. Arcoverde: AESA-CESA, 2019. p. 300-311.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017-2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 ago. 2023.

CAZDEN, C. *et al.* **Uma pedagogia dos multiletramentos**: desenhando futuros sociais. Tradução de Adriana Alves Pinto *et al.* Belo Horizonte: LED, 2021 [1996].

COPE, B.; KALANTZIS, M.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. São Paulo: Unicamp, 2020.

FARIAS, J. M. S. **Arquiteturas tecnodiscursivas no ensino-aprendizagem de língua(gem)**: textos digitais e letramentos em (trans)formação. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

GRILLO, S. V. C. **Divulgação científica**: linguagens, esferas e gêneros. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de São Paulo, 2013.

HINE, C. **Ethnography for the internet**: embedded, embodied and everyday. England: Routledge, 2015.

MACHADO, F. S. A divulgação científica e o enunciado digital. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 93-110, maio/ago. 2016.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na Universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital**. Tradução de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. São Paulo: Pontes, 2021.

PAVEAU, M-A. Genre de discours et technologie. **Pratiques**, Français, n. 157-158, juin, 2013, p. 7-30.

PEREIRA, S. V. M. Gênero do discurso. *In*: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, S. G. C. (org.). **Diálogos em verbetes**: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 105-111.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, L. **Neo-humano**: a sétima revolução cognitiva dos sapiens. São Paulo: Paulus Editora, 2022.

SODRÉ, M. A interação humana atravessada pela mediação. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, v. 289, 13 abr. 2009. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2476-muniz-sodre>. Acesso em: 22 ago. 2023.

STREET, B. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. Tradução de Armando Silveiro. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 541-567, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p541>. Acesso em: 14 ago. 2023.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Améric. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

